

A mentira não sem a verdade

Cirlana Rodrigues de Souza¹

Resumo

As reflexões psicanalíticas sobre a verdade e a mentira articulam-se, neste artigo, com o lugar da mentira no discurso, ligado à questão da meia-verdade do sujeito em relação ao seu desejo. São destacadas as artimanhas da linguagem que colocam a mentira e a verdade como modos de funcionamento do inconsciente. É importante considerar como a compreensão da verdade como furo no dizer possibilita a leitura e a escuta não alienantes dos mecanismos da mentira tomados como verdade. A discussão teórica tem como base Freud e Lacan, bem como autores que abordaram o tema a partir dessas referências originais. Será feita alusão a objetos culturais que abordam a problemática da verdade e da mentira nas suas realizações.

Palavras-chave: Psicanálise. Mentira. Verdade. Sujeito. Desejo.

¹ Psicanalista e membra da *Haeresis* Associação de Psicanálise (Uberlândia-MG), com formação acadêmica em Psicologia e Letras. Doutora em Estudos Linguísticos pelo Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Minas Gerais. Fez residência pós-doutoral no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil). Atua na clínica pública e privada. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5946-0111> E-mail: cirlanarodrigues@gmail.com Instagram: @haeresispsicanalise

Por que, sendo assim, não submeter essa profissão à prova da verdade com que sonha a chamada função inconsciente, na qual ela fuxica? A miragem da verdade, da qual só se pode esperar a mentira (é a isso que se chama resistência, em termos polidos), não tem outro limite senão a satisfação que marca o fim da análise (Lacan, 1976/2003, p. 568).

Primeiras especulações

No ensino de Jacques Lacan, a mentira não é a figura de linguagem usada deliberadamente para forjar uma realidade ou para trair alguém. A mentira é uma astúcia do inconsciente, sendo a verdade sempre meia-verdade. A outra metade pode ser a mentira. Essa astúcia se deve à nossa ignorância sobre nós mesmos: a mentira alimenta essa paixão pela ignorância. A transposição entre mentira-verdadeira e verdade-mentirosa é uma decisão do ser falante implicado no dizer. Dizer a mentira é um ato de fala que aponta para algo da verdade e, como palavra, a mentira realiza algo: se isso é mentira, a verdade está ao lado; se isso é verdade, a mentira está ao lado. Essa lógica não é de mera oposição entre falso e verdadeiro. Não basta dizer que alguém mente quando diz “vacinas causam doenças” argumentando com o contrário, “vacinas curam doenças”. Os arranjos inconscientes, sociais, históricos e culturais vão além dessa trivialidade lógica.

Inicialmente, sugiro que tratemos a mentira e a verdade como substantivos, como palavras que nomeiam existências variadas e portadoras de um saber, mas *não todo*. Também, que tratemos mentira e verdade como verbos, o fazer na linguagem que opera na constituição do sujeito e na clínica psicanalítica estruturando o inconsciente e os sintomas.

A função do *Eu* é de ilusão — iludir-se, ser iludido e iludir. A mentira está a serviço dessa função de enganar: enganar-se, ser enganado e enganar. O *Eu* faz uma fofoca sobre si mesmo e contra si mesmo. Para isso, estão à sua disposição vários recursos de linguagem, como os deslocamentos e condensações, sinédoques, metáforas e metonímias que estruturam as formações do inconsciente, como o ato falho, os lapsos e esquecimentos, as imagens torcidas e retorcidas. As mancadas no discurso mostram uma cisão fundamental: eu digo isso, mas não é isso. A invenção do objeto *a* e a constatação do real como o que está separado do sentido, mas na linguagem, colocam a mentira no centro da verdade do ser falante. Como inominável, é pela letra grega “*a*” que se escreve o *sem* e o *não* que nossa relação com esse objeto que (in)determina se o desejo será verdade pelo que não é, e mentira pelo que é.

Os elementos do inconsciente para fazer valer uma verdade não são poucos. Um desses elementos é o Grande Outro, senhor dos sentidos e da alienação como verdade sobre o desejo do sujeito. Não havendo outra maneira de se constituir uma subjetividade além dessa submissa a uma linguagem que nos antecede, o problema se encontra no fato de que a alienação é estruturada como toda a verdade, e não meia-verdade. O caráter estrutural do Édipo para Freud e o do significante nome-do-pai para Lacan carrega esse assombro sobre o sujeito e o desejo. Porém, na linguagem encontra-se o para além da consistência e da simplificação lógica: o real. Assim, eis uma mentira: o Grande Outro é absoluto. Eis uma verdade: o Grande Outro é inconsistente, no sentido de uma consistência com furo, não sendo possível saber de que (se) vale. O desgosto e a paranoia do adolescente sem recursos subjetivos ilustram

essa mentira e essa verdade: o amor prometido no lugar do pai ou da mãe não está acessível, o desejo não é todo o desejo do Grande Outro, pai e mãe são falhos, as moções pulsionais e sexuais não têm uma meta exata e, mais ainda, o corpo que estava pronto como uma unidade no olhar do outro semelhante parece nem existir.

A mentira não é exclusividade da era moderna, mas nunca esteve tão armada e vigorosa. Em 2024, o congresso nacional brasileiro manteve o veto do ex-presidente da república para criminalizar a mentira (*fake news*) como recurso discursivo nas companhias políticas. Como se dá para o discurso psicanalítico, o ser falante quando mente não é um criminoso. Tratar-se-ia de diferenciar os efeitos e afetos entre a mentira política e social e a mentira no divã. A primeira pode ser traumática para a sociedade, a segunda leva o sujeito a enfrentar o trauma de se reconhecer um mentiroso consigo mesmo. No discurso proferido em plenário, durante a votação da lei, temos o drama do direito à mentira e à verdade: “Nós não queremos prender o governo porque mente, nós queremos apenas ter o direito de contraditá-lo e fiscalizá-lo, nós queremos ter o direito de falar a nossa verdade”. Para a psicanálise, *a nossa verdade* não é possível: do real, não se liga a outra verdade. Desse modo, ao usar o argumento da verdade, o deputado mente².

Cabe perguntar: Por que a mentira se impõe no direito de falar? Por que meia-verdade não é suficiente? Como a mentira serve para manter os sujeitos longe de uma verdade concebível? Existe a ambiguidade discursiva: mentira e verdade compõem um mesmo discurso, uma mesma palavra que seja. Percorrer uma verdade é percorrer, aos moldes de uma torção moebiana, a mentira e fazer valer o furo no saber.

Lembro da mentira histórica que teve efeitos devastadores em um gênio como Lima Barreto, que, quando criança, ficou fascinado com a liberdade dos escravos. Mas, adulto, foi se dando conta de que a criança foi enganada, de que a libertação dos escravos era uma mentira, pois como ser livre na pobreza, na violência? Como ser livre na rejeição e no apagamento de seus talentos? Ao sair do poço, o escritor se deparou com a mentira histórica vestida com as roupas da verdade do senhor branco, tal como *A verdade a sair do poço*³. Há muitas formas de verdades e mentiras, em todos os espaços e em todas as linguagens e suas dimensões. Talvez, os modos como os sujeitos lidam com a mentira que contam a si mesmos, nas análises, nos ajudem a transformar os enunciados imaginários e simbólicos manejados ardilosamente para a mentira. Isso porque a mentira é como um presente do real que não engana, porque não se liga a nada. A verdade é livre, a mentira não se sustenta sem estar presa a outra mentira.

Os mitos que deram lugar à ficção nos complexos estruturais do sujeito do inconsciente trazem verdades carregadas pelos sentidos antecipados pelo imaginário. O mito do pai, contado pela mãe, torna Alexandre, o Grande, grande. Zeus, como se sabe, se disfarçava de animais e

2 Sugere-se a leitura do texto de Alexandre Koyré sobre a mentira moderna e a política: “Sustentamos que nunca mentimos tanto quanto em nossos dias, e que nunca mentimos de modo tão massivo e total quanto o fazemos hoje. Nunca se mentiu tanto... de fato, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, ondas de mentiras se espalham sobre o mundo. A palavra escrita e falada, o jornal, o rádio... todo o progresso técnico é posto a serviço da mentira.” Koyré, A. (2019, janeiro-junho). Reflexões sobre a mentira (C. Souto, Trad.). *Ipseitas*, 5(1), 119-132. https://www.academia.edu/39825413/Reflex%C3%B5es_sobre_a_mentira_Alexandre_Koyr%C3%A9_tradu%C3%A7%C3%A3o

3 Neste texto, será feito referência à obra *A verdade a sair do poço*, de Jean-Léon Gérôme, 1896. Recuperado de <https://culturadefato.com.br/a-verdade-saindo-do-poco/>

outros seres vivos para trair Hera com mulheres humanas. Seus filhos são semideuses. Olímpia, mãe de Alexandre, lhe diz que seu pai é Zeus e não o rei Felipe II, que acreditava que Alexandre era seu único filho. Não há testemunhas. Ela é esse Grande Outro absoluto que introduz o pai ao filho. Cada conquista do maior dos conquistadores confirmava esse mito. Verdade, então? Lacan sugere a verdade como estrutura de ficção, na qual o significante apartado do significado amarraria os elementos em torno do desejo do sujeito, em uma verdade sem testemunhas além da palavra proferida. Porém, a palavra nunca é absoluta, comporta o mal-entendido, cisões, esquecimentos e memórias, lapsos. No caso de Alexandre, O Grande, ele decidiu por essa nomeação como sua verdade, mas suas conquistas sempre foram em homenagem à mãe.

A expressão *não foi isso que eu quis dizer* ilustra como uma mesma palavra pode ser verdade e pode ser mentira. O enunciado é mentira, na medida em que o eu pode até querer dizer outra coisa, mas não impede o desvelamento da verdade proferida no não dito pelo Eu. A ficção aponta para os deslocamentos e condensações que caminham para efeitos de sentido. O ato falho, bem-sucedido no que se refere à verdade do sujeito, atesta esse efeito. Seria isso a verdade alcançada pelo sujeito na interpretação de seu desejo? Lacan lembra que não, que ao se fazer consistência o furo do real impede o absolutismo de uma verdade. Assim, esse efeito de sentido que foi, por alguns minutos, uma verdade já não o é mais.

As fantasias neuróticas são outro tipo de estruturação do desejo que mentem bem entre o que se quer e o desejo, como modo sofisticado do iludir-se. Os delírios são a verdade absoluta, sem lugar para a dúvida, e nós somos os mentirosos. A obsessão do neurótico se dá ao contrário, não convence nem mesmo ele, o que o deixa sempre apavorado diante da dúvida mortífera: o Grande Outro mente para mim? Freud, nas construções em análise, que retomarei adiante, lembra que as alucinações mostram o drama entre verdade e mentira: a voz é escutada apenas pelo sujeito, ninguém mais atesta esse fenômeno nem para negá-lo nem para afirmá-lo e, somente nessa condição, teríamos a verdade absoluta, posso supor. A sensação de que *estão falando mal de mim quando ando na rua e acho que as pessoas estão me olhando* é diferente do *estão falando mal de mim e estão me olhando*: no primeiro enunciado, é o desejo neurótico em ser olhado e falado pelo outro implorando amor, com a dúvida no centro (*acho*); no segundo enunciado, é o sujeito ameaçado por um mundo exterior que insiste em adentrar no seu mundo e destruí-lo. A verdade, quando marca o sujeito como absoluta, o leva à loucura delirante ou alucinatória e é tão insuportável que a mutilação dos corpos na esquizofrenia mostra como não faz ecos, portanto não divide a verdade da palavra do Grande Outro. Por isso, pode-se dizer que a mentira é necessária para o ser falante, no que se refere ao seu desejo como subversão — o gozo da verdade toda é insuportável.

Uma distinção interessante entre paranoia e perversão, pela via da mentira e da verdade, é que o perverso sabe a verdade na medida de uma criação sua e localiza o Grande Outro no lugar da mentira, por isso não haveria problema para o talentoso Ripley em saber a verdade de seus crimes, mudando sempre a aparência, mas não mudando o hábito de mentir⁴.

4 O talentoso Ripley (*The talented Mr. Ripley*), de Patricia Highsmith, publicado em 1955, ganhou versões para o cinema e para o *streaming*, introduzindo a personagem que dá título a uma série de cinco livros que seguem sua trajetória de ascensão social por aquilo que se pode chamar de reordenação de mundo a partir de seus próprios ideais e seu desejo, em que a manipulação, a mentira, a distorção dos fatos e a apropriação da vida dos outros estabelecem seu percurso.

O paranoico, por sua vez, não convive com essa ambiguidade, coloca para fora qualquer coisa que não seja sua verdade, como se tudo de fora dele fosse mentira e o Grande Outro a grande verdade. Silva (2019), concordando com o poeta Fernando Pessoa, lembra que a verdade própria ao sujeito é intransponível, seria intraduzível a um outro, e a mentira é a ficção dessa transmissão possível, na psicanálise. Ou seja, carrega a estrutura da verdade. Assim, seria possível dar uma verdade por meio de uma mentira, e concordamos quando o autor diz que:

É muito impreciso dizer algo sobre o que é real ou fictício num conto de um analisante. E é ainda mais antianalítico querer forçar o estabelecimento ou a distinção entre o verdadeiro e o falso. A psicanálise não é uma cura pelo real, e menos ainda separa fantasia de realidade como elementos independentes (Silva, 2019, p. 255).

O jogo imbricado entre verdade e mentira compõe a prática analítica forjada na ética do desejo e o caso clínico é uma história mentirosa escrita na travessia entre o que se diz, o que se queria dizer, o que se escutou, o que não foi dito, o que se interpretou e se disse novamente, numa sessão de análise. Nesse ponto, cabe reforçar que uma verdade ou uma mentira compõem uma decisão do sujeito sobre seu desejo e que a decisão é sempre a decisão por uma palavra.

A partir dessa tese, busco percorrer algumas elaborações da psicanálise de Freud e Lacan em torno dos conceitos de mentira e verdade, objetivando mostrar que, no que se refere à prática do inconsciente, ambos amarram o sujeito do desejo. Ainda, lançarei mão de elementos culturais e de fragmentos de enunciados clínicos para organizar a proposição da mentira como parte da decisão do sujeito em relação a seu desejo. Essas elaborações contribuem para uma abordagem diferencial da mentira e da verdade, considerando o peso da indistinção presente, hoje em dia.

Começo abordando a mentira e a verdade como elementos estruturantes na questão edípica dos sujeitos. Em seguida, serão elencados alguns aspectos freudianos de uma teoria da mentira, avançando para a mentira e a verdade nos desdobramentos lacanianos sobre as dimensões do dizer, real, simbólico e imaginário. O próximo passo toma a mentira como elemento de acesso a alguma verdade. Retomando a questão sobre o pai e a tese da mentira e da verdade intrínsecas à tomada da palavra pelo sujeito, a conclusão busca desabonar o pai como verdade, assim como fazer valer o furo no Grande Outro. O Epílogo adicionado apresenta O caso Asunta para manter aberta a indissociável relação entre mentira e verdade. As referências encerram o trabalho.

O pai de verdade e o pai de mentira. O pai da verdade e o pai da mentira. Mas, não seria a verdade uma mãe e a mentira outra mãe?

O *pai verdadeiro* foi dito em uma primeira consulta clínica: “Mas o pai dele não é o pai verdadeiro”, desmontando o saber de uma criança sobre sua origem. Aquele que criou a criança é um falso nome. O significante seria mentiroso sobre a origem da criança que é filha de outro nome que se supõe o verdadeiro — o pai biológico. Diante das implicações e efeitos de sentido, transformei a assertiva enunciada pela mãe em uma questão: *Paí verdadeiro?* O que seria isso, se numa dimensão simbólica, de transmissão de um nome, é essa travestida

de Grande Outro que diz quem é o pai? Ali, a mentira reinou tamponando a verdade possível da criança: cresceu numa mentira que, por identificação, era a verdade de sua constituição subjetiva e, assim, o pai verdadeiro sempre foi o pai de mentira. Ou o pai de mentira é o pai verdadeiro? Todo nome-do-pai é uma mentira, no fim das contas, pois o Grande Outro que apresenta esse nome mente por não ter toda a verdade, como se a tivesse.

Não é somente diante da ausência do pai biológico que se coloca em tese o pai. Sempre ao dizer sobre si próprio, o ser falante mente. Se toda a verdade sobre meu desejo estivesse no Grande Outro não seria possível outra versão de mim. O *Eu* é reflexo da consistência, da grandeza e carrega a verdade do Grande Outro, e seu dever se limitaria a passar adiante esse absoluto. No caso da criança, há esse momento de limbo, nem um e nem outro. Se o *pai verdadeiro* é o ausente, o biológico, sem nome, o que se transmite? O que subverte? Assim, no enunciado “Mas o pai dele não é o pai verdadeiro” temos uma verdade-mentirosa ou uma mentira-verdadeira? O primeiro aspecto da introdução do real na estrutura simbólica da verdade é o equívoco de sentido, esse embaralhamento dos lugares do sujeito e do Grande Outro. Como o pai dele não é o pai de verdade? Outro aspecto dessa introdução, a mentira inconsciente, diferentemente da mentira deliberada, nega esse enunciado como se o sujeito dissesse: “sim, ele é meu pai verdadeiro”. A questão sobre o pai se mantém viva na psicanálise por ser lugar da mentira. Como lei, o pai copula com a mentira e pouca coisa consegue valer como verdade, o que já seria suficiente.

Os segredos de família, a visada moral e religiosa da mentira como um pecado, enfiada na nossa língua por Santo Agostinho, as artimanhas de grandes personagens literárias e cinematográficas e a mentira filosófica de Nietzsche nos mostram como mentir, na sua função de ato de linguagem, é bem-sucedida por permitir ao sujeito ordenar-se enquanto se decide entre alienar-se ou separar-se do Grande Outro. Ao contrário do ato falho que é bem-sucedido por revelar algo dessa verdade em um significante que se liberta do inconsciente, a mentira não apenas revela a verdade, antes, ela coloca em xeque qualquer verdade, alertando-nos sempre que pode até ser isso, mas não é só isso: quem diz mente ao garantir que é isso. Essas boas maneiras de mentir não são as mesmas das más maneiras de mentir, afinal todo falante tem acesso aos modos de funcionamentos da linguagem. Se o ser falante mente sob o jugo do inconsciente e do real, o *Eu* também mente sob o jugo do imaginário e do simbólico, e da moral: sabe que está mentindo, quanto a isso não se engana.

Nas análises, toda vez que alguém fala de si, forjando um *Eu*, o analista precisa esperar e ver no que vai dar, na medida em que a função do *Eu* é de enganar a si mesmo. Essa não é a mentira deliberada, como alguém a quem um terapeuta perguntaria: “— Você está indo a tal lugar [orientação de tratamento]? — Sim, estou.” Mas não está, não existe registro de sua presença. Sobre a mentira do desejo, esta não nos cabe julgar pelas vias dos fatos, pois pode ser a verdade daquele que ali diz. Ainda, faço uma hipótese de que essa lógica constante verdade e mentira, mentira e verdade, está ali nos movimentos e deslocamentos subjetivos, em um encadeamento do ser falante na linguagem, nas escolhas subjetivas. Essa tensão irá encaminhar o sujeito a uma decisão, lugar onde nem se mente e nem se diz a verdade, decide-se por um dizer, por uma palavra como a decisão de dizer e a decisão de partir que temos de duas personagens do cinema contemporâneo: Daniel, o menino cego de *Anatomia de uma*

queda (Triet, 2022, direção de Justine Triet), que não precisou ver para provar a verdade, seu testemunho é sua palavra; e Seo Rae, de *Decisão de partir* (Coreia, 2022, direção de Park Chan-wook), cujo saber de si não compartilhou. Daniel e Seo Rae nos mostram esse lugar onde o desejo maneja a verdade. Expressões como *a sua verdade*, *a minha verdade*, *ele mentiu*, *é mentira*, *não é verdadeiro* são trabalhadas nos efeitos de sentidos enganosos, pois é do inconsciente o ser que mente ao dizer a verdade e que diz a verdade ao mentir.

Pinóquio não sabia que mentia, a não ser pelo nariz que crescia nas vistas dos outros que se esqueciam de que ele era uma criança crescendo ali entre o brincar como realidade e a passagem para o brincar que não é mais a realidade. A mentira é um marco, nos conta Winnicott (1982): quando a criança percebe que ela pode construir uma realidade forjando elementos, dizendo outras coisas a fim de não se revelar toda ao outro, ela começa a perceber a diferença entre o brincar e a realidade. A linguagem vai lhe dar ferramentas para forjar outra realidade, uma verdade criada à revelia do outro. Esse jogo de linguagem caminha conforme a criança e seus outros: dizer a uma criança que ela está mentindo enquanto acha que está brincando é um dos avanços mais opressivos sobre a criança e sua capacidade de invenção e reedição dos eventos da vida, e isso será retomado desse lado negativo, proibido e moralmente errado. A criança aprende, sendo denunciada como mentirosa, que a mentira é destrutiva e que, para não ser, precisa dar-lhe força da verdade. Desse modo, a mentira se torna defesa, distanciando-se da criação de uma ilusão de vida que merece ser vivida.

A articulação real, simbólico e imaginário trata de outra versão para o pai, a nomeação. Se um dos pressupostos do que é verdade para a psicanálise é o nome-do-pai como significante estruturante, com o real o ser falante constata a loucura que é se reduzir a esse nome-do-pai, já que nenhum nome é todo o nome. Com o real, a mentira ganha *status* de ato de fala. E, ao contrário de um significante nome-do-pai universal, essa versão não é um modelo, mas só vale para cada um. Ao se reconhecer esse direito, reconhece-o para todo ser falante.

O analista pode fazer semblante, cara de enganador e fingir completamente que acredita no que é dito. A aposta é que esse dizer é sempre mentiroso, mas ecoa a verdade do sujeito ali onde se pode extorquir um significante da falta no Grande Outro. Assim, um pré-requisito para a mentira é que ela ecoe nessa falta. Essa topologia localiza o real como furo na linguagem, na palavra que cinde a existência entre a mentira e a verdade. Enquanto o simbólico responde pela verdade do significante nome-do-pai, e o imaginário nos engana com verdades bem montadas e entendidas, o real vai mentindo o tempo todo, dizendo uma coisa enquanto o que se quer dizer mesmo estaria sempre em outro lugar, inacessível. Assim funciona a mentira, mãe da verdade em psicanálise, lógica que responde ao impasse sexual do ser falante que não sabe tudo, então mente para compartilhar uma verdade sobre o desejo e o sexo.

Como lógica, a mentira ajudaria não apenas a localizar um impasse subjetivo, a inibição e a angústia, mas também a circunscrever algo do real, a delimitá-lo como uma proposição do tipo: “tem algo aí!”. Esse ponto do dizer é lugar operativo, de intervenção, de corte e rearranjo do enodamento entre real, simbólico e imaginário, chegando, assim, a uma outra escrita (estrutura), outra amarração. Esse dito mentiroso rompe com o plano bidimensional da linguagem e da palavra: “não é isso! É isso? Outra coisa a dizer”. Pode-se, então, pensar por que os mentirosos de plantão, filhos da Mentira, têm tanto domínio sobre suas mentiras,

gostam tanto de mentir: desse modo, não nos permitem aproximação com a verdade. Tem mais poder quem controla a mentira do que aquele que controla a verdade.

O nó da subjetividade só é de verdade ao se desfazer: soltando um, todos se soltam. Ao romper com o sentido fixado, com o *é isto que eu disse*, soltaria o nó provando-se verdade. Enquanto o discurso fascista trabalha com toda a força da unidade, a repetição e o atamento com a mentira, controlando sua significação, nós trabalhamos com o desatamento, e o que restar da palavra diz alguma verdade. O falso nó, o nó mentiroso, é aquele que se quer amarrado, que não se solta. O verdadeiro nó é o que se solta, o nó que mente é o que se mostra como uma unidade planificada. A implicação dessa lógica na compreensão da estrutura subjetiva do sujeito é que sua palavra, que o transforma topologicamente, desfaz seu nó com o Grande Outro. E, desse modo, se soltando desse nome-do-pai primevo e inscrevendo outro significante dado pela função da letra — sem o sentido do grande Outro, aquele que diz é quem pode atestar a verdade. Quando inventaram o Dia da Mentira, na Idade Média, o objetivo era permitir a qualquer um burlar a lei do Grande Outro como verdade, sem ser punido por isso. A cristandade, que não contamina os perversos, avança sobre os mentirosos pela via da culpa e da punição e nos priva dessa saída subjetiva.

Alguma verdade sobre a teoria da mentira

A mentira é contada pelo paciente em análise (Schivartche, 2018). Logo, mentira deliberada: o analisante quer mentir. Além do desconforto causado na transferência (o analista sabe que o paciente estaria mentido em termos factuais e não como realidade psíquica, sempre bom lembrar), por que alguém se daria ao trabalho de construir uma mentira e dizê-la ao analista? Porque essa mentira o afastaria de uma verdade, deixaria a verdade lá no fundo do poço. Perigosa, a verdade sempre implica um desengano, uma divisão subjetiva e coloca o sujeito diante de suas implicações: o que fazer com esse saber? Por vezes, ainda não seria a hora, muito teria a se perder e a se ganhar. Entra em cena, nas análises, a resistência à verdade do inconsciente, ao direito de não querer saber qualquer coisa que seja sobre meu desejo. Vai-se criando histórias dentro de histórias tal como Hamlet, encenando cenas dentro das cenas, relatos do desejo assombrados, embaralhados, turvos, nebulosos. Mas a mentira não afasta ninguém de sua verdade. Esta vem, escapa das profundezas do poço onde se quis encerrá-la e, o pior, com um chicote na mão. Desse modo, como ficção, a mentira que compõe as formas de associação livre, merecendo a escuta atenta do analista, pode se trair enquanto fala.

Sigmund Freud, em suas histórias clínicas, buscava a verdade nos relatos dos pacientes, e não nos fatos, antecipando o aforismo lacaniano de que toda verdade tem estrutura de ficção. Na história do homem dos ratos (Freud, 1909/2021), o deslocamento significante vai compondo acontecimentos, contradições e impossibilidades, fantasias e sintomas do nobre obsessivo para mantê-lo afastado da turbulência de seu desejo. No homem dos lobos (Freud, 1918/2021), a verdade é escancarada na alucinação da criança na cena do jardim, pois validava a percepção como representação psíquica contada pelo paciente. Não se pode esquecer que Freud sempre considerou a percepção do *Eu* alguma coisa a ser escutada, pois dali nascia a realidade psíquica. O significante e a topologia mostram que o psiquismo é mais que percepção e que as

representações são representações justamente por faltar palavras. Que importância tem para o analista perceber se realmente ocorreu o que conta o paciente? Nenhuma, como venho dizendo. Talvez só produzir mais resistência na transferência. A questão da verdade contada aparece em muitos trabalhos de Freud e recorro alguns pontos aqui ligados à resistência analítica em que o paciente mentiria para falsear um desejo, o mesmo que revelar o desejo.

O inconsciente tem sua gramática própria e, estando a verdade nas palavras ditas, ela está submetida aos arranjos discursivos, atos falhos e chistes. Por isso, nós mentimos, mas as palavras não. Por não ser senhor de sua casa, o *Eu* mente, não pode falar a verdade por ignorá-la. Todavia, como a verdade é lugar de poder, ele mente, quer a verdade. É pela resistência que Freud nos diz que o sujeito fala mais do que pretende e omite mais do que reconhece. A clássica passagem no trabalho sobre as negativas mostra bem isso. Freud (1925/2016) desconfia que o paciente, que sonhou com a mãe e disse *Não é minha mãe*, está mentido sobre seu desejo incestuoso, mentira essa que é efeito da castração. Na assertiva do paciente, ao negar o desejo, tem-se uma mentira para afirmar justamente a verdade nua e crua: a mãe nua a ser devorada crua.

Em “*Construções em análise*”, Freud (1937/2017) reitera que o verdadeiro e o falso não devem ser abordados pelo analista de modo óbvio. A verdade sobre o conflito inconsciente do paciente é uma construção (verdade histórica) durante a associação livre e, na transferência, cabe ao analista manejar mentira e verdade. Respondendo à crítica de um “homem da ciência” à psicanálise, como sempre, de que esta só seria válida se o paciente concordasse com a interpretação, e se não concordasse seria resistência, ele diz que o paciente pode concordar dizendo não e discordar dizendo sim. Acrescenta, ainda, que não se trata de um binômio verdadeiro e falso, mas da construção de análise a partir de cada paciente, e que nada tem a ver com a convicção do analista sobre esse verdadeiro e falso. Freud amplia a lógica das coisas, introduzindo as contradições e as ambiguidades, rejeitando uma verdade única e não paradoxal para o *Eu* que não é senhor de sua casa e mente que é. Paradoxo que não se resolve concordando ou discordando, pois tanto a interpretação como uma construção em análise sobre sintomas, sonhos, angústia e inibição do paciente tem valor de verdade suposta para o analista. Para que tenha efeitos de intervenção no mal-estar e nos sintomas, é preciso que o paciente as escute como substituições de uma verdade sempre a ser suposta. Vale destacar que Freud está fazendo uma reflexão sobre o lugar da verdade na análise, lugar do recalque: no fundo do poço, a verdade vai saindo por partes em sonhos, formações do inconsciente, atos falhos e sintomas.

Conforme **Palombinie Rosa (2017)**, Freud, nesse texto sobre as construções, surpreende quem ainda tomava as lembranças que emergem em análise como fragmentos indiscutíveis de uma lembrança fielmente capturada, associando lembranças e alucinações. Ainda, os autores mostram que, ao tratar do trauma sexual, Freud reitera o lugar da verdade, considerando o discurso da histeria e a noção de sexualidade. Na chamada primeira teoria da sedução, uma cena sexual é tomada como a causa do sintoma histérico. Após ser reformulada, o trauma sexual não se mantém mais vinculado a indícios do desenvolvimento cronológico do paciente. Freud preserva a verdade no trauma, pois, ocorrida ou não, a cena sexual traumática, para a paciente, continua a ter efeito de verdade por ainda ser localizada no lugar de causa do

sintoma, destacam os autores. Isso abriu para uma das críticas à teoria freudiana de não levar em conta abusos reais sofridos pelas pacientes, tomar a violência crua como parte de uma realidade psíquica. O psíquico carrega até hoje esse aspecto de não ser de verdade. Porém, parece evidente que o trauma não descarta um crime, e vice-versa.

Na análise, ao criar uma versão histórica sobre si, o paciente está a construir, pelos deslocamentos e substituições, outra verdade sobre seus conflitos. Contudo, toda convicção, tanto do paciente como do analista, é a mentira vestida com as roupas da verdade como tentativa de explicar o que lhe acontece e como tentativa de cura, como é tudo o que se diz numa análise. O filme já aqui referido, *Anatomia de uma queda*, dissecou esse processo de construção da verdade do sujeito.

Freud (1905/1984, p. 136) lê em um chiste as tramas estruturais da mentira e da verdade e, como todo chiste, este não engana ao embaraçar as certezas dos falantes, tirando consequências do lugar da ambiguidade na noção de verdade e de mentira:

Dois judeus encontraram-se num vagão de trem em uma estação na Galícia. “Onde vai?”, perguntou um. “À Cracóvia”, foi a resposta. “Como você é mentiroso!”, não se conteve o outro. “Se você dissesse que ia à Cracóvia, você queria fazer-me acreditar que estava indo a Lemberg. Mas sei que, de fato, você vai à Cracóvia. Portanto, por que você está mentido para mim?”.

Freud fica perplexo tal qual a Verdade saindo do poço, pois o judeu, diz ele, “é censurado por mentir porque diz estar indo à Cracóvia, que é o seu verdadeiro destino”, por ele estar mentindo, justamente por falar a verdade, e por só falar a verdade ao mentir. Essa ambiguidade confronta a certeza de nosso conhecimento atestando o inconsciente ali, na fala, onde o chiste mentiroso diz a verdade. Para a psicanálise, o mentiroso diz a verdade, o delirante diz a verdade, o perverso esconde a verdade e o autista recusa a verdade e a mentira. No *Eu minto*, o sujeito do inconsciente diz a verdade e, quando o *Eu* diz a verdade, o sujeito do inconsciente está mentindo⁵.

Para dizer de Lacan e a mentira é preciso dizer sobre Lacan e a verdade

Freud, como mostrei, colocou a psicanálise e sua prática sempre em colisão com a ambiguidade da verdade e da mentira (des)alinhadas aos conflitos inconscientes. Ele viu que verdade universal como certeza só se sustenta nos delírios e na alucinação e que chistes, atos falhos, elementos dos sonhos, sintomas, construções em análises e suas interpretações viriam como solução, mesmo que temporária, à resistência e à verdade absoluta. A seu modo, Lacan viu a falta na (e da) palavra para além da ambiguidade e do mal-entendido de toda palavra. Entra em cena um novo posicionamento sobre o que é a verdade. Parece que para Lacan, mais do que não mentir ou dizer a verdade, trata-se sempre da mesma coisa, invertendo aí

⁵ Um discurso que não fosse semblante para os praticantes do inconsciente pode ser considerado como um discurso construído a partir dessa ambiguidade na mentira e na verdade, pois semblante remete a *parecer*, *as-semelhar-se*, e, o melhor, *fingir*, e não como aparência, ilusão e engano. A aparência talvez seja uma das identidades sociais da mentira que o objeto *a* vem abalar, sempre.

a posição do ser falante para o que quer que seja uma verdade-mentirosa ou uma mentira-verdadeira, escritas indissociáveis e torcidas na ordenação, como se uma avançasse sobre a outra toda vez que uma palavra se realiza na fala do analisante.

A mentira é um ato de fala por compor-se de um verbo à sua disposição na língua: mentir. Enquanto a Verdade precisa ser dita: dizer a verdade, falar a verdade. Não existe um verbo do tipo verdadeir, verdadar, verdader. A mentira não é apenas um recurso linguístico para se mentir ou não. Em se tratando de simbólico e das línguas imbricadas com seus usos e significações, não nos faltam recursos para mentir. Lacan coloca a mentira como aproximação possível do real: um recurso do real como estrutura, primado do equívoco e das ressignificações, e o que pode ser mentira para um, para outro não é. O que restabeleceria a verdade não seria um sentido, mas o furo nesse jogo de linguagem. No português brasileiro, quando falamos “Isso é uma furada!”, estamos nos referindo a algo que não é confiável, colocando em xeque o que é verdade ou não na situação. O furo do real é mais ou menos isso, uma furada na verdade sobre o desejo.

A fábula judaica *A verdade nua* coloca em pauta questões atuais para compreender como muitas pessoas acreditam numa mentira e não numa verdade dita. Pode-se dizer que a mentira mantém o sujeito afastado do que quer, posto que tampona o não dito da meia-verdade e, também, destrói a dimensão de significação e ambiguidade, equívoco e mal-entendido das palavras. Ou seja, a mentira encarcera o significante e apaga a letra, por isso regimes autoritários e conservadores fazem tanto uso dela, por causa dessa capacidade de encarceramento.

Joseph Goebbels, o homem da comunicação no Terceiro Reich, deve ter lido essa fábula, pois sugere-se que a propaganda nazista girava em torno do fato de que “Uma mentira dita mil vezes torna-se verdade”⁶. A mentira é a alma de todos os negócios, ensina o Ministro da Propaganda Alemã Nazista, e essa alma funciona pela repetição do mesmo sem virar outra coisa. Como psicanalistas, concordamos com a repetição, mas como psicanalistas não concordamos com essa mentira, haja vista que a psicanálise é a busca da verdade do sujeito. As mentiras de Goebbels sustentam uma verdade toda, sem ambiguidade, sem complexidade linguística, com um autoritarismo semântico e, mais ainda, ali onde a palavra arrastaria o significante, Goebbels encheu de imagens fiado na paixão humana pelo olhar, pela unidade, pela completude.

Diz a parábola judaica que certo dia a Mentira e a Verdade se encontraram. A Mentira disse para a Verdade: “— Bom dia, Dona Verdade”. E a Verdade foi conferir se realmente era um bom dia. Olhou para o alto, não viu nuvens de chuva, vários pássaros cantavam e vendo que realmente era um bom dia, respondeu para a Mentira: “— Bom dia, Dona Mentira”.

6 Apesar de não haver referência exata de que Goebbels tenha dito essa frase, o conceito do “Big Lie” (“**grande mentira**”) aparece em **Adolf Hitler**, em *Mein Kampf* (1925), em cuja obra afirma que a multidão tende a acreditar numa mentira colossal mais facilmente do que em uma pequena, pois não imaginaria alguém ser audacioso o bastante para fabricá-la. Existe uma crítica de Goebbels à liderança britânica em 12 de janeiro de 1941, no artigo *Aus Churchills Lügenfabrik*, no qual afirma que os ingleses seguiam o princípio de que devem mentir em grande escala quando mentem e manter a mentira e que sustentam suas mentiras mesmo parecendo ridículos. Informação disponível em: https://chatgpt.com/?hints=search&openai-com-did=a24a47ba-ea79-4dd4-a8ae-919088e4fe-of&openai-com_referred=true&model=gpt-4o

“— Está muito calor hoje, disse a Mentira”. E a Verdade, vendo que a Mentira falava a verdade, relaxou. A Mentira então convidou a Verdade para se banhar no rio. Despiu-se de suas vestes, pulou na água e disse: “— Venha, Dona Verdade, a água está uma delícia”. E assim que a Verdade, sem duvidar da Mentira, tirou suas vestes e mergulhou na água do rio, a Mentira, aproveitando-se da distração da Verdade, saiu da água e vestiu-se com as roupas da Verdade e foi embora. A Verdade, por sua vez, recusou-se a vestir-se com as roupas da Mentira e por não ter do que se envergonhar, saiu nua a caminhar pela rua e a perseguir a Mentira. As pessoas que as viam passar acolhiam a Mentira com as vestes da Verdade, mas proferiam impropérios e condenações contra a atitude despudorada da Verdade. E aos olhos de outras pessoas era mais fácil aceitar a Mentira vestida da Verdade do que a Verdade nua e crua.

Dessa parábola, dois destaques. Primeiro que, tal como a Verdade, o discurso psicanalítico se recusa a vestir-se de mentiras e ciladas, e o que aponta para a verdade é o conflito, o ataque, a recusa, a culpa, toda ordem de impropérios do sujeito na direção dele mesmo. Segundo, ocorre-me que a Verdade não sabe lidar muito bem com as palavras, toma as palavras da Mentira como se elas não fossem proferidas pelo ser falante que é desinformado de toda a Verdade e regido pelo não saber. E, ademais, não existe Verdade nua e crua, como bem se vê no quadro pintado a partir dessa parábola: está armada com um chicote para cortar a Mentira na carne. A confiança privilegiada na fala da Mentira, reiterada pelo sol a brilhar, pela imagem, destaca a imbecilidade de uma verdade como ideal. A Verdade se esquece que toda fala é também veículo de erro, de mal-entendido, de eleição da mentira, e é por isso que se diz a verdade por meio da mentira, sem ser mentiroso. É o princípio de verdade pelo qual a psicanálise subsiste, a despeito dos ideais com os quais ela é temperada.

Em Lituraterra, Lacan (1971/2003) injeta a letra como o limite entre a cilada da imagem verdadeira e o absolutismo pela verdade do Grande Outro arrastado pelo significante, pois um sujeito que não esconde nada de si é justamente aquele que nada comunica de si. Nas análises, a associação livre nada tem a ver com esse falar tudo de si, não esconder nada. A verdade buscada não se pode dizê-la toda, entrando a mentira no lugar do insuportável da verdade ou no lugar da não toda verdade. Enquanto a verdade denuncia algo, a mentira evita a denúncia. Enquanto a verdade resiste ao saber se inscrevendo como sintoma, desacreditando a razão das coisas, exilada no deserto do gozo, a mentira está cada vez mais limitada à razão de ser das coisas, num discurso de poucas palavras, de frases repetitivas. Julgar a consistência dos discursos como algo da verdade somente se torna possível considerando que se faz a partir do real que claudica essa verdade, cinde-a ao meio, torna-a meia-verdade, meio dizer, meio-dia.

No poema-canção de Adriana Calcanhotto, *Mentiras*, a desrazão aparece como verdade na revelação da Mentira.⁷

⁷ Adriana conta que na época em que a música fez parte da trilha sonora de uma novela da Rede Globo, tornando-se muito popular, começou a ver muitas crianças em seus shows, o que a deixou curiosa, considerando que aquele show não estava direcionado para o público infantil, menos ainda as canções. Os pais lhe disseram que usavam essa música para ensinar para as crianças sobre mentiras e suas consequências na vida das pessoas e que não se deve mentir.

Souza, C. R.

Nada ficou no lugar
Eu quero quebrar essas xícaras
Eu vou enganar o diabo
Eu quero acordar sua família

Eu vou escrever no seu muro
E violentar o seu gosto
Eu quero roubar no seu jogo
Eu já arranhei os seus discos

Que é pra ver se você volta
Que é pra ver se você vem
Que é pra ver se você olha
Pra mim

Nada ficou no lugar
Eu quero entregar suas mentiras
Eu vou invadir sua aula
Queria falar sua língua

Eu vou publicar seus segredos
Eu vou mergulhar sua guia
Eu vou derramar nos seus planos
O resto da minha alegria

Que é pra ver se você volta
Que é pra ver se você vem
Que é pra ver se você olha
Pra mim

Que é pra ver se você volta
Que é pra ver se você vem
Que é pra ver se você olha
Pra mim

O poema conta sobre as maldades de uma pessoa quando deixada por alguém e descobre as mentiras do par amoroso. As Mentiras desveladas são uma forma de maldizer o outro e, mais, o laço amoroso foi um engano: tirando as mentiras, tudo fica fora do lugar, seguindo-se da fúria do ser enganado. Essas listas de maldades são o próprio chicote da Verdade saindo do poço furiosa atrás da Mentira. Essa revolta amorosa é *pra ver se* o outro que enganou volta, para ver se transpõe as mentiras e ressignifica os acontecimentos. As mentiras da canção em nada diferem do lugar do mentir para a psicanálise: entre o sujeito e o desejo. Tirando-as do lugar, não deixando nada no lugar, quem sabe a Verdade se faz valer. Tudo isso figura, na medida do possível, um processo de análise, em que a saída, fim de uma análise, seria esse ponto de tudo fora do lugar valendo a meia-verdade do sujeito. E a entrada foi pela queixa, pelo desgosto, pelo

maldizer o outro do ex-par amoroso por sessões e sessões, em que o pior dos enganos é o de si mesmo, e não a traição do outro.

A linguagem como estrutura está fundamentada numa lógica simbólica que opera por meio do sistema de pares opositivos da língua ocidental formada pelo sistema de oposição binária: aqui/lá, sim/não, bom/mau, o/a. A noção de Freud (1920/2024) do *fort-da*, quando seu neto joga com a oposição presença/ausência, ilustra que o significante (que desaparece e reaparece) opera para além das palavras, encarnando a diferença na forma língua. Essa diferença é a chave de Lacan para a noção de nome-do-pai, um significante primordial que estabelece a proibição, ao mesmo tempo que torna possível uma presença. A mentira dificulta a compreensão dessa articulação. A criança, em seu jogo repetitivo, conseguirá sempre marcar uma presença ali na ausência, ou pode se dar conta de que o significante nem sempre permite uma presença, assim como não inscreve uma ausência, quando deveria. Dessa série ambígua, o significante é o que equivoca no dizer. A mentira ascende ali onde se faria um enigma, do qual ela participa por possibilitar que se inscreve uma verdade pela oposição de valor, ao mesmo tempo que a verdade pode estar numa ausência. Lacan infere, como já colocado, que a verdade tem uma estrutura de ficção ao propor essa construção simbólica da realidade, ao elaborar sintomas e ao ter como proposta a elucidação da verdade. Nesses termos, a realidade é nada mais que a tentativa de dizer toda a verdade. Lugar no ensino de Lacan pronto para se inventar o real, pois a realidade nunca corresponde a toda verdade. Lacan (1959-1960/1988) nos diz que, “Uma vez operada a separação do fictício e do real, as coisas não se situam absolutamente onde poderíamos esperá-las. Em Freud, a característica do prazer, como dimensão do que encadeia o homem, encontra-se totalmente no lado do fictício. . . . o que chamamos simbólico” (p. 22).

Dizer a verdade toda é impossível, pois faltam palavras. E, na falta das palavras, a verdade se impõe, marcando esse impossível. Vê-se como a mentira controla e limita palavras e o valor opositivo da língua, assim como suas mudanças e variações. Essa falta contornada pelos significantes atesta a meia-verdade. Em *Televisão*, Lacan (1973/2003) coloca deste modo: “Digo sempre a verdade. Não toda . . . pois, dizê-la toda, não se consegue . . . Dizê-la toda é impossível, materialmente . . . faltam as palavras. É justamente por esse impossível . . . que a verdade tem a ver com o real” (p. 509).

A repetição que se instala ao redor do significante evidencia o limite da linguagem, o real como aquele que não cessa de não se inscrever, estabelecendo nossa relação com a verdade, por alinhamento nos termos de Adriana Calcanhoto, com a mentira para desalinhar essa relação.

Por faltar palavras, ou seja, pelo impossível da linguagem, é que Lacan (1969-1970/1992) lembra que

. . . nenhuma evocação da verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semi-dizer, que ela não pode ser inteiramente dita porque, para além de sua metade, não há nada a dizer. Tudo o que se pode dizer é isto. Aqui, por conseguinte, o discurso se abole. Não se fala do indizível, por mais prazer que isto pareça dar a alguns (p. 53).

Esse ponto rompe com a ideia comumente aceita de que ou se diz uma verdade ou se diz uma mentira acerca de determinada coisa. Tanto verdade como mentira não podem tudo

dizer — em ambas as situações há esse indizível. Porém, na mentira há uma esperteza parecer tudo dizer e, assim, ocupar o lugar vazio deixado pela meia-verdade. O caráter paradoxal da linguagem é o de que sempre se diz a verdade, e se diz justamente por que sempre se mente. É o que leva Lacan (1969–1970/1992) ao fato de que a “. . . mentira é sua maneira de dizer a verdade acerca disso” (p. 94). Mais ainda, é só pela mentira que se diz a verdade, proposição possível pela articulação entre a linguagem e o real.

Uma última ponderação se faz necessária, considerando que o Grande Outro pode mentir sem ser mentiroso. Toda mentira prevê a presença do Grande Outro na autenticação do sentido, explicitando o encontro do sujeito com esse Outro: “Estaremos certos em descrever as coisas tal qual são sem nos importarmos em considerar a forma pela qual nosso ouvinte entenderá o que dissermos?” (Freud, 1905/1984, p. 136). Não por acaso, um dos aspectos sustentados por Lacan é que a linguagem é feita de mal-entendido, bastando lembrar que toda mensagem é uma mensagem invertida do Grande Outro e que podemos até saber o que dissemos, mas nunca o que o outro escutou, embaralhando mais ainda verdade e mentira.

Nesse ponto, o leitor já percebeu que a noção de construção, em Freud, e de ficção, em Lacan, têm a mesma função na clínica psicanalítica como tentativas de cura ao falar de si. Mas Lacan (1970/2003) é mais radical ao operar com o real: “. . . o real que por só poder mentir para o parceiro, inscreve-se como neurose, perversão ou psicose” (p. 515).

Sobre a mentira, pode-se delimitar seu lugar na definição de verdade, indo além de se mentir ou não se mentir. Lacan sustentará que, pela impossibilidade da linguagem, mente-se, e isso é condição para o inconsciente e para a possibilidade de qualquer um lidar com seu desejo: um mentiroso também diz algo de seu desejo, na pior das hipóteses.

Desvelar a ilusão para se chegar à (meia)verdade

Batista (2022), trazendo um breve percurso do significante *mentira* nos Escritos e Seminários de Jacques Lacan, mostra que a mentira é o elemento estrutural necessário mais próximo da verdade:

. . . uma verdade aguda, único caso de verdade absoluta, na medida em que, quando mentimos, sabemos bem qual objeto está intencionalmente escondido, oculto por detrás do dito mentiroso. O objeto oculto permite alcançar *toda a verdade*. Isso se aplica com a mesma força aos processos inconscientes, nos quais, entretanto, a ocultação intencional dá lugar ao recalque, ao esquecimento. Partimos, como é evidente, da ideia de que Lacan elogia a mentira em seu ensino, subtraindo dela a noção de negatividade que lhe dá o senso comum.

O significante *mentira* perde a relação entre o engano dos sentidos, dando lugar ao vazio do real. Essa aproximação real e mentira se estabelece no registro psíquico articulando três dimensões: real, simbólico e imaginário, indo do aforismo à verdade, tem estrutura de ficção à verdade e é não toda, pois dizer toda a verdade é impossível, alocando a mentira como uma condição dessa verdade (Lacan, 1974/2003). Na falta de uma palavra que responda pela completude de um dizer, o ser falante usa as que tem a seu dispor, mesmo que elas mintam, encubram não um conteúdo qualquer, mas justamente essa incompletude do dizer.

Lacan (1950/1998; 1966/1998) relaciona a mentira com o recalque, compondo essa estrutura de linguagem do inconsciente: “esse capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes já está escrita em outro lugar” (p. 260). Não caberia então apenas lembrar ou desmentir uma fala. Ao se aproximar do regime da incompletude do dizer, a mentira também vai ser afetada por essa mesma incompletude. Ou seja, feita da mesma linguagem não toda, vai deixar escapar a verdade para outro lugar na cadeia significativa, tal como nos mostram as formações do inconsciente.

No seminário sobre os escritos técnicos de Freud, Lacan (1954-1955/1983) reitera que “. . . É a palavra que instaura na realidade a mentira. . . . Coloquemos num triângulo de três vértices: ali, a mentira; aqui, o equívoco e, depois, a ambiguidade. . . . A palavra é por essência ambígua” (p. 261). Por essa essência ambígua, a palavra se equivoca e mente. O sujeito pode mentir, o que valida a verdade, o que, por si só, impõe um esforço de lógica: a mentira é prova da verdade na palavra dita.

Batista (2022) destaca algo importante, no que se refere ao desejo e sua interpretação. Como dizer aos outros o segredo sobre nosso desejo? A mentira seria uma resposta possível, diz Lacan (1958/2013). Os nomes possíveis ao objeto causa do desejo concernem a uma mentira, e no conflito inconsciente, o sujeito mente e, ao mentir, diz a verdade. O fracasso desses nomes antecipa como as metas pulsionais vão sucumbir na futura teoria do gozo lacaniana. Essa ética do desejo se realiza à medida que o *Eu* mente e recalca, e que, como mentiroso, é quem fala: *Não mentirás*. Lacan (1958/2013) lembra que é nesse *Não mentirás* que está incluída a verdade do desejo do sujeito. O significativo comparece a serviço do mentir, apartando-se de um sentido aqui, ligando-se a outro ali, até que o real interrompa a cadeia de efeito de sentido e instaure uma palavra decidida pela verdade do sujeito, vencendo a ambiguidade que serve à mentira⁸

Joyce e o pai como verdade desabonada: uma conclusão

Comecei este escrito pelo enunciado “O pai verdadeiro”, e é retornando ao pai que termino para reafirmar que a mentira e a verdade são função de mãe, fazendo claudicar, meio dizer esse pai como verdadeiro, portanto pai verdadeiro-mentiroso, pai mentiroso-verdadeiro.

8 Freud e as mentiras da jovem homossexual. Acerca da mentira em análise — algo como eu engano o analista para negar minha verdade, enganando a mim mesmo duas vezes —, Lacan (1962-1963/2005), no seminário sobre a angústia, voltando a falar de Freud e da interpretação dos sonhos da jovem homossexual, explica que “. . . Essa paciente . . . mentia para ele em sonhos. O precioso *ágalma* desse discurso . . . é que Freud se detém, atônito, diante disso: Com que então o inconsciente é capaz de mentir! . . . Esse é o ponto em que Freud se recusa a ver na verdade, que é sua paixão, a estrutura de ficção como algo que está em sua origem. . . . O *eu minto* é perfeitamente aceitável, uma vez que o que mente é o desejo, quando, ao se afirmar como tal, expõe o sujeito à anulação lógica em que se detém o filósofo (Epimênides) ao ver a contradição do *eu minto* (p. 144)”. Assim, numa análise, se porventura o analista mente, e não apenas o perverso, diga-se, não se trata de constatar ou retornar isso com algo do tipo: *Você mentiu!* Trata-se de tomar essa ficção dentro da ficção, desvelando e não desmentindo o dito.

Esse pai é dito como “Fulano não é o pai verdadeiro”, “Fulano não é o pai verdadeiro, mas ele não sabe”. É o tipo de enunciado que coloca o sujeito no espaço da suspensão do sentido⁹.

Mas, o que é um pai? E um pai verdadeiro? “Pai” é um significante à disposição oferecido pela mãe para introduzir a falta entre Grande Outro e sujeito, pois como todo significante, porta a equivocidade, a mentira e a ambiguidade. Essa falta é o lugar da verdade: o pai é aquele que carrega a verdade por se equivocar, por ser ambíguo e por mentir. Com Joyce, aprendemos que o real fura essa verdade, o real fura a falta: o significante nome-do-pai e a imagem de um pai é pervertida pelo ser falante e a letra entra em cena, pois não se equivoca. Essa letra, marca do sujeito, vem sendo carregada pelo significante: em termos de constituição do sujeito, é o resto que a linguagem paga por ser em falta.

As análises mostram que o real se encontra nos emaranhados do verdadeiro, nas ficções escritas pelas vias da associação livre que, desde Freud, se deslocam entre a verdade-mentirosa e a mentira-verdadeira, e é o significante que, depois de tanto deslizar, se equivoca entre vendo que a verdade vela o real. Não sendo essa tarefa pouca, às vezes ela é enganada pela mentira, como na fábula judaica. Esse equívoco fura o verdadeiro, daí o gozo. Se a face de Santa Tereza D’Ávila escancarou o corpo que goza, a face da Verdade nua e crua saindo do poço escancara o gozo articulado ao real, sem qualquer mediação, mais perto do horror do que do prazer.

Ao pensar o Caso Joyce a partir do nó borromeano como a articulação inicialmente trivial de três elos, essa amarração deixa de ser trivial, comum e verdadeira, na medida da insensatez de que esse nó é verdadeiro se soltando um dos elos os outros dois se soltam (Lacan, 1975-1976/2007). A verdade é insensata. A mentira corresponderia ao falso nó de trevo, obtido por um lapso na composição do nó. Lacan (1975-1976/2007) retoma esses elementos para ver se pode deduzir algo do nó da questão que havia levantado: *Joyce – louco ou não? Afinal, por que não o seria?* Nessa dúvida estrutural, ficção que aponta para o risco de um falso nó, afirma que a arte funciona para Joyce como um artifício de compensação do lapso do nó, produzido pela carência paterna. A expressão *carência paterna* se situa na dimensão de ausência na expressão *não é o pai verdadeiro*. Esse lapso do nó tem por efeito a exposição não mediada de Joyce à dimensão parasita da linguagem que opera para todo ser falante. Não há nisso alguma coisa como uma compensação dessa demissão paterna, dessa forclusão, no fato de Joyce ter se sentido imperiosamente chamado? Essa forclusão é a mola pela qual o nome próprio é, nele, alguma coisa estranha. Uma mentira? Lacan (1975-1976/2007) retoma a estranheza de Joyce em relação ao nome próprio afirmando que “O nome que lhe é próprio, eis o que Joyce valoriza à custa do pai. Foi a esse nome que ele quis que fosse prestada a homenagem que ele mesmo recusou a quem quer que fosse” (p. 86). Joyce corrigiu esse impasse do nó em relação à nomeação construindo uma obra e um nome, nomeação e não nomeação dada pelo Grande Outro. A falta da inscrição do Nome-do-Pai foi compensada para Joyce por meio da arte de escrever, que lhe permitiu ser o pai do nome e com isso fez injetar

⁹ O filme *O primeiro mentiroso* (*The invention of lying*, 2009) é uma realidade paralela na qual não existe a distinção verdade ou mentira. Todos dizem a verdade. Mark Bellison é uma personagem que está perdendo tudo e sua única salvação é inventar a mentira, o que muda toda a realidade e a natureza das coisas.

o nome próprio no âmbito do nome comum, fez entrar a verdade de seu nome no verdadeiro nome de seu pai.

A meia-verdade que nos cabe está sendo enganada a tal ponto de estar se tornando um quarto de verdade. Nesse cenário atual, que esse *fazer entrar a verdade no desfiladeiro de mentiras* seja um novo arranjo de ficções: montagem da verdade tal qual a expressão da artista Pablo Vittar em entrevista, portanto falando, onde todo ser falante estabelece sua relação com a verdade pela via da palavra: “O que eu quero é performar minha verdade no palco”. Tal enunciado contempla o *Eu* imaginário, a ficção nas vezes de performar, formar uma presença, o real e o espaço, amarrando o corpo, uma consistência que suspende sentidos e ressignifica sujeitos e acontecimentos. A verdade deve ser montada, e não nua e crua, conforme a artista.

Epílogo: O caso Asunta e o direito do acusado à mentira e ficção das verdades

O caso Asunta é uma minissérie, produzida pela Netflix (2024/Espanha), que narra o assassinato de Asunta Bastera Portouma, de 12 anos, em 2013, na Espanha. Após o corpo de Asunta ser encontrado nas proximidades da casa de campo da família, a investigação conduzida pela polícia e por um juiz de instrução apontou os pais adotivos, Rosario Porto e Alfonso Bastera, como culpados do assassinato. O casal foi condenado à prisão pelo crime por um júri, mas nunca admitiram qualquer envolvimento. Antes do caso, Rosario e Alfonso já estavam passando por um divórcio conturbado. Com a sentença, os dois foram definitivamente separados: Rosario, apontada como a principal responsável pelo crime, foi presa em 2015 e passou por três presídios diferentes, em Teixeira, Ávila e Pontevedra. Em todas as prisões, Rosario esteve em programas antissuicídio. Ela tentou tirar a própria vida duas vezes, em 2017 e 2018, mas foi resgatada por funcionários. Em 2020, porém, Rosario foi encontrada em sua cela após se enforcar. Alfonso também foi preso em Teixeira, onde cumpre pena desde 2015. Ele tentou conseguir liberdade diversas vezes, mas todos os pedidos foram negados. Em 2017, Alfonso enviou uma carta aos produtores de um documentário sobre o caso que incluía o seguinte trecho: “Quando recuperar a liberdade, tenho a firme intenção de desaparecer, ninguém mais terá notícias minhas, nem Rosario Porto”. A inscrição da ausência é um dos modos da verdade, possivelmente o mais eficaz, considerando que a mentira entra para tamponar o que falta.

A minissérie nos permite algumas considerações sobre a verdade, a mentira e a ficção. Vamos tratá-la como uma construção na análise. Primeiro, é uma obra de ficção que pode construir, a partir de um imaginário de arranjos de imagens, roteiros, interpretação, recortes, um evento dito real, uma história, uma versão dos fatos com determinado objetivo (diz ser “baseada em fatos”, diferenciando-se de uma antiga observação que era “esta obra é uma obra de ficção e qualquer semelhança com a realidade é mera semelhança”). Há um interessante aviso, no início de cada episódio, de que os eventos apresentados foram amarrados pela ficção, ou seja, mantendo a lógica, a verossimilhança, o jogo entre o possível e o impossível de ter acontecido. Segundo, a construção da história segue a verdade de cada um dos acusados, produzindo não somente duas versões, mas uma terceira, como se vê no episódio 5 – 24 horas,

no qual, com os mesmos elementos, quase as mesmas palavras, mudando a posição das personagens, remanejando o tempo e os espaços, cria-se outra história da mesma história, ou na mesma história: criam-se três versões dos mesmos eventos das 24 horas que antecederam o crime, até seu desfecho com o casal indo à delegacia denunciar o desaparecimento da filha, que é o começo da história.

Se coloquei, ao longo deste escrito, que o ser falante decide pela verdade ou pela mentira, em Asunta não é bem assim: fiquei com a impressão de um vacilo, de algo a mais que não sabemos. Mas não é isso mesmo, um resto que não sabemos que forma o que está para além da meia-verdade das coisas? Coube a quem contou a história, acusando, defendendo, à imprensa, ao júri, ao juiz escolher entre uma e outra Verdade-mentirosa e Mentira-verdadeira. E esse é o melhor jogo na obra: o questionamento, a cada episódio, a cada cena do que é a Verdade, do compromisso de cada um com a Verdade. Em nome desse compromisso, *mentem que nem sentem*, conforme ótima expressão nossa que marca o lugar da mentira articulada com o não saber do inconsciente: aquelas informações sobre nós mesmos e que nos faltam, justamente as mais importantes. Mentir sem sentir é dizer a Verdade?

Outro aspecto é que todos conhecemos os envolvidos e seus nomes, o começo, o meio e o fim dos eventos em torno do assassinato da menina. Não se mudou nomes, por exemplo, para proteger a identidade desses envolvidos, o que sempre tem efeito contrário caso o falante não seja muito habilidoso com a arte da escrita ou da contação de histórias. A Verdade tem estrutura de ficção próxima do que se fez no caso Asunta: algo fica permanentemente de fora, mantendo real, imaginário e simbólico amarrados.

O nome Asunta tem origem em uma família de línguas indígenas da América do Sul: é sujeito. Asunta, em espanhol, ganhou variação para matéria. Em português, é possível uma associação homofônica com Assunto, assuntar, assunta, substantivo para um tópico, mas assunta e assuntar é verbo de valências que pedem complemento ou não, direto e indireto. Essa gramática e esse léxico básico nos contam que assuntar é prestar atenção em algo, observar os acontecimentos e refletir, pensar, escutar, tal como fez Daniel em *Anatomia de uma queda*: assuntou sobre a morte do pai.

O caso Asunta nos remete à relação da psicanálise com a criminologia, lugar dos mais propício para colocar em xeque a diferença rígida entre a Verdade e a Mentira.

O Eu fingidor por natureza construirá qualquer defesa perante as ameaças externas, como ser pego em ato delito. Lacan (1950/1998) lembra que a psicanálise, *por saber como revirar as resistências do Eu*, seria capaz de libertar a verdade do ato e, com isso, colocar o criminoso frente a frente com os ecos desse ato — em termos jurídicos, com a responsabilidade pelo ato que fez, aceitando a pena justa. A analogia aqui com o ser falante que responde pelo que diz é precisa e, se levarmos em conta que sempre estamos subvertendo a lei do Grande Outro, mais ainda. A psicanálise não pune, isso cabe ao Estado de Direito que sustenta as leis. Esse ato deve ser submetido a um julgamento ao mesmo tempo abstrato — faz um recorte do acontecimento e uma versão dos fatos, senão a mais fidedigna, a mais lógica —, e regido por critérios estabelecidos por esse mesmo Estado: “O veredito ficará entregue, não sem escândalo, mas também não sem razão, ao funcionamento de debates os menos verídicos — donde resulta, não menos logicamente, o reconhecimento do direito do acusado à mentira,

que denominamos de respeito à consciência individual” (Lacan, 1950/1998, p. 126). O acusado forja a própria verdade, é seu direito. Porém, Lacan lembra que a verdade a que a psicanálise pode dar acesso ao criminoso não está separada de toda a experiência subjetiva que constitui e a responsabilidade deve estar associada ao sofrimento do homem: o homem pode mentir, mas o sofrimento não mente.

Esse ponto é bem ampliado na minissérie O caso Asunta. Rosario Porto e Alfonso Bastera são declarados culpados, contudo a experiência de sofrimento e a culpa de Rosário no assassinato da filha a leva ao suicídio — culpa anterior mesmo ao assassinato como consequência das imposições de uma sociedade machista às mulheres e à repressão de seus desejos. Enquanto isso, Alfonso continua, como todo bom perverso, a manter a aparência e o direito à mentira que lhe cabe, no caso, o direito ao crime. A verdade está dita desse jeito e não por meio de uma declaração de culpa que os criminosos assinam quando são interrogados. Em um outro caso, como o de Nahir, a pessoa mais jovem na história da Argentina a ser condenada à prisão perpétua aos 19 anos pelo assassinato do namorado, vemos as duas coisas, tanto o sofrimento como uma culpa declarada, mas ainda assim forjando uma aparência, uma verdade quiçá mentirosa.

Essas histórias de crimes e seus praticantes nos informam do limite da psicanálise em relação à verdade e à mentira: não fazemos o papel da polícia de investigar e, menos ainda, de prender; não julgamos e não condenamos. Mas a psicanálise é a busca do sujeito pela sua verdade, e esta se mostra quando nos deparamos com os efeitos embaraçosos e angustiantes do real, nessa invenção lacaniana chamada RSI; por isso, continua Lacan, *é que não há de ser exercida sem punição* para aquele que fala, punição por ele mesmo proferida. O embate mais moral que social e político sobre a maioridade penal na adolescência mostra como se pode vacilar no direito à mentira do criminoso, mas é onde mais seria vantajoso a responsabilidade por uma verdade do que pelo crime, já que juridicamente não é responsabilizado por isso: o adolescente é protegido pela lei contra o crime que ele mesmo cometeu.

O caso Asunta é um caso por manter um enigma depois de encerrado. A psicanálise pode ler esse caso porque a verdade que busca é a verdade do sujeito, e ela não pode fazer outra coisa senão manter a ideia de um compromisso subjetivo, sem o qual a experiência humana não comporta nenhum progresso.

Rosario Porto é esse enigma preso ao Grande Outro. Chamada de mentirosa quando andava pelas ruas, sua decisão foi aquela sem volta, sem nomeação, sem ressignificação, o ato mais bem-sucedido, dirá Lacan. Em determinado momento, ela nos informa que sua mãe a havia ensinado que as coisas que não se dizem e não se contam não acontecem. Rosario mentia? Falava a (sua) verdade? Matar-se no presídio foi a saída para esse sujeito impedido de falar, de acessar sua verdade: presa à mãe absoluta, presa ao marido perverso, só conseguiu saltar fora quando presa. Por esse radical ato deixou escapar a verdade e, por isso, posso supor que se sentiu feliz por tirar a máscara de uma história de mentiras. O caso Asunta nos deixa uma lição sobre a mentira quando nos mostra que, no fim das contas, a verdade é o que é... dita pelo sujeito, a seu modo e colocando seu corpo nesse jogo.

Referências

- Batista, M. C. D. (2022). O elogio da mentira. *Boletim inter-dito*. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://ebp.org.br/sp/o-elogio-da-mentira/>
- CHAN-WOOK, Park. *Decisão de partir*. Direção: Park Chan-wook. Coreia do Sul: Moho Film / CJ Entertainment, 2022. (138 min).
- Freud, S. (1984). **Os Chistes e sua relação com o Inconsciente**. In Freud, S. *Edição Standard das Obras Completas*. (vol. VIII). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2016). A negação. In Freud, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud: Neurose, psicose, perversão*. (pp. 305–14, M. R. S. Moraes Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (2017). Construções na análise. In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica. Coleção Obras Incompletas* (pp. 365–82, C. Dornbusch Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1937).
- Freud, S. (2021). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (O caso homem dos ratos). In Freud, S. *Histórias Clínicas. Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud*. (pp. 335-34, T. L. C. Romão Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1909).
- Freud, S. (2021). Da história de uma neurose infantil (Caso homem dos Lobos). In Freud, S. *Histórias Clínicas. Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud*. (pp. 631-774, T. L. C. Romão Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1918).
- Freud, S. (2004). Além do princípio do prazer. In Freud, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (pp. 123-98, L. A. Hanns Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1920).
- Gervais, R. & Robinson, M. (Diretores). (2009). *O primeiro mentiroso* [Filme]. Radar Pictures; Media Rights Capital; Lynda Obst Productions
- Lacan, J. (1983). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (B. Milan Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1954-1955).
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. (A. Quinet Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1959-1960).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (A. Quinet Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1969-1971).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In Lacan, J. *Escritos*. (pp. 238-324, V. Ribeiro Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1953 com prefácio reescrito em 1966).
- Lacan, J. (1998). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In Lacan, J. *Escritos*. (pp. 127-50, V. Ribeiro Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1950).
- Lacan, J. (2003). *Radiofonia. Outros Escritos* (pp. 400-47, V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1970).

- Lacan, J. (2003). Lituraterra. *Outros escritos* (pp. 15-28, V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1971).
- Lacan, J. (2003). Televisão. *Outros Escritos* (pp. 508-43, V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1973).
- Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. *Outros escritos* (pp. 567-69, V. Ribeiro Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1976).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia* (V. Ribeiro Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1962-1963).
- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (S. Laia Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1975-1976).
- Lacan, J. (2013). *Le Séminaire, livre VI: le désir et son interprétation*. Éditions de La Martinière – Le Champ freudien. (Obra original publicada em 1958).
- Palombini, P. & Rosa, C. M. (2017). Nada mais que a verdade: um estudo psicanalítico sobre a concepção de mentira. *Polêmica*, 17(1), 016-026. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.12957/polemica.2017.28293>
- Schivartche, M. (2018). A mentira contada em análise. *Psic. Rev. São Paulo*, 27(2), 263-85. Recuperado em 18/06/2026 em: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2018v27i2p263-285>
- Silva, E. A. F. (2019). A mentira é mais interessante do que a verdade. *Jornal de Psicanálise*, 52(97), 251-67. Recuperado em 18/06/2026 em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352019000200019&lng=pt&tlng=pt
- Triet, J. (Diretora). (2023). *Anatomia de uma queda* [Filme]. Les Films Pelléa
- Winnicott, D. W. (1982). Roubar e dizer mentiras. *A criança e seu mundo*. Guanabara Koogan.

Souza, C. R.

Lies are not without truth

Abstract

In this article, psychoanalytic reflections on truth and lies are articulated with the place of lies in discourse, linked to the question of the subject's half-truth in relation to their desire. The tricks of language that place lies and truth as modes of functioning of the unconscious are highlighted. It is important to consider how understanding truth as a hole in what is said makes it possible to read and listen to the mechanisms of lies taken as truth in a non-alienating way. The theoretical discussion is based on Freud and Lacan, as well as authors who have approached the subject from these original references. Reference will be made to cultural objects that address the problem of truth and lies in their realizations.

Keywords: Psychoanalysis. Lies. Truth. Subject. Desire.

Las mentiras no carecen de verdad

Resumen

Las reflexiones psicoanalíticas sobre la verdad y la mentira se articulan en este artículo con el lugar de la mentira en el discurso, vinculado a la cuestión de la media verdad del sujeto en relación con su deseo. Se hace hincapié en los trucos del lenguaje, situando la mentira y la verdad como modos de funcionamiento del inconsciente. Es importante considerar cómo la comprensión de la verdad como un agujero en lo que se dice permite leer y escuchar sin alienar los mecanismos de la mentira tomada como verdad. La discusión teórica se basa en Freud y Lacan, así como en autores que han abordado el tema desde estas referencias originales. Se hará referencia a objetos culturales que abordan el problema de la verdad y la mentira en sus realizaciones.

Palabras clave: Psicoanálisis. Mentira. Verdad. Sujeto. Deseo.

Souza, C. R.

Les mensonges ne sont pas sans vérité

Résumé

La réflexion psychanalytique sur la vérité et le mensonge s'articule dans cet article avec la place du mensonge dans le discours, liée à la question de la demi-vérité du sujet par rapport à son désir. Les ruses du langage sont soulignées, plaçant le mensonge et la vérité comme des modes de fonctionnement de l'inconscient. Il est important de considérer comment la compréhension de la vérité comme trou dans ce qui est dit permet de lire et d'écouter sans aliéner les mécanismes du mensonge pris comme vérité. La discussion théorique s'appuie sur Freud et Lacan, ainsi que sur des auteurs qui ont abordé le sujet à partir de ces références originelles. Il sera fait référence à des objets culturels qui abordent le problème de la vérité et du mensonge dans leurs réalisations.

Mots-clés: Psychanalyse. Mensonge. Vérité. Sujet. Désir.

Submetido em: 03/01/2025

Revisado em: 30/07/2025

Aceito em: 31/07/2025